

MEMÓRIA E REPRESENTAÇÃO DO JORNALISMO BRASILEIRO: o caso do selo postal¹

Copyright © 2010
SBPjor / Sociedade
Brasileira de Pesquisa
em Jornalismo

DIEGO ANDRES SALCEDO
Universidade Federal de Pernambuco
ADRIANA MARIA ANDRADE DE SANTANA
Universidade Federal de Pernambuco

RESUMO

Este trabalho analisa a forma com a qual o selo postal contribui para a construção da representação da atividade jornalística brasileira. Leva-se em conta, para isso, a concepção deste artefato tanto como mídia, quanto texto semiótico, e sua estreita relação com a imprensa. O *corpus* identificado e analisado é composto por selos postais regulares e comemorativos emitidos pelos Correios do Brasil durante o século XX. O trabalho possibilitou correlacionar uma recorrência temática com o contexto histórico brasileiro, no que diz respeito às práticas jornalísticas. Como conclusão da investigação foi considerada que a visibilidade da atividade jornalística construída pelos selos postais remete não apenas a personalidades consagradas da práxis jornalística, como também faz clara associação com o ideário de jornalismo combativo e voltado a grandes causas sociais.

Palavras-chave: Brasil. Jornalismo. Selos Postais. Memória. Representação Social.

INTRODUÇÃO

A construção da representação do Jornalismo é feita a partir de um conjunto de aparatos institucionalizados, em diversos e distintos formatos. É pertinente considerar que essa representação é formada tanto pela práxis jornalística, propriamente dita, quanto pelas formas com que atores sociais externos a essa prática, como, por exemplo, o Estado, constroem uma imagem do Jornalismo. Ao considerar esse enfoque, o selo postal é entendido como um dos aparatos que contribuem para essa construção.

Este trabalho traz como peculiaridade a utilização do selo postal enquanto objeto de análise. Para esta escolha, foi levado em consideração o fato de que os estudos e análises acerca da representação jornalística têm sido comumente realizados com base em suportes tradicionais à Academia, tais como: matérias de jornal, estudos de audiência,

autorrepresentações (entendimentos outorgados pelos atores do próprio campo) e novas tecnologias de comunicação (em particular, a Internet).

Sendo assim, a justificativa dessa escolha - de fato, desafiadora -, leva em consideração o entendimento do selo postal enquanto mídia. Além disso, é um objeto ainda incipiente nos estudos em Comunicação, particularmente no Brasil (SALCEDO, 2010).

Selos para jornais

A relação entre jornais e selos, apesar da aparente dissociação, não é apenas evidente através das emissões que remetem à imprensa (selos com estampas de jornalistas e veículos de comunicação, como veremos adiante), mas remonta à própria origem do selo postal. O primeiro selo postal utilizado em jornais, de que se tem registro, foi emitido pelo governo austríaco, em 1851, justamente com a finalidade específica de portear jornais e periódicos (MACHADO; QUEIROZ, 1994).

De acordo com Meyer (2008), foi criado no Brasil, em 1846 o selo inclinado de 10 réis (Figura 1), utilizado para portear jornais, ou seja, autorizar oficialmente a sua circulação. Eram selos de uso exclusivo dos editores e jornalistas. Os selos de jornais foram sobretaxados em 1898/99 e passaram a ser selos regulares até sua extinção. Os selos para jornais, utilizados no Brasil imperial, destinados apenas para a remessa de periódicos por parte dos editores, foram pouco utilizados. Uma grande quantidade destes selos foi descartada.



Figura 1 - Selo postal brasileiro imperial (1846), intitulado "Inclinado"

Na época, o Correio tentou vendê-los a filatelistas, ao valor filatélico da época (acima do valor facial). Não tendo sido bem sucedida, a instituição optou em transformar esta emissão (para Jornais) em selos regulares, mediante a aplicação de uma sobrestampa com um novo valor.

Surgiram, desta forma, os selos regulares de 114 até 124 (os Jornais de 1889 sobrestampados). Em vista da urgência na circulação destes selos, foi entregue uma parte do serviço de impressão de

João Guimarães, do Rio de Janeiro, firma esta que, aliás, também foi fornecedora de carimbos. A outra ficou a cargo da oficina tipográfica da Diretoria Geral dos Correios. O Relatório, a seguir, especifica a emissão desse tipo de selo postal:

Os selos sobretaxados, de acordo com a autorização contida no aviso n. 164 do Ministério da Indústria de 17 de Maio e nos editais dessa Diretoria de 29 de Setembro, 28 de Outubro, 12 e 28 de Novembro, e 7 e 29 de Dezembro, foram postos à venda nesta Administração no prazo marcado no artigo 23 do regulamento, conforme os referidos editais. Quanto à venda dessas fórmulas de franquia, nada houve de anormal, com exceção dos selos de 100/50 réis de que trata o edital de 12 de Novembro, os quais, postos à venda, foram imediatamente comprados, ficando esta Administração privada de atender à grande procura dos mesmos por filatelistas, porque só obteve fornecimento de 2.000 exemplares dos 39.980 recolhidos ao cofre, dos quais foram vendidos a Alphonse Bruck 25.000, ao Dr. Rodrigo Octávio 400, a Guilherme Antonio dos Santos 80, sendo 11.000 vendidos pelas outras administrações por ocasião de não poder ser atendido outro pedido que posteriormente dirigiu à Diretoria (MEYER, 2009, informação eletrônica).

Estes selos de jornais sobretaxados foram desmonetizados em 30 de dezembro de 1915. Eles podem ser encontrados novos, carimbados e com obliteração manuscrita a lápis ou tinta (do refugio postal, cedido aos filatelistas). Naquele momento histórico, alguns filatelistas revoltados criticaram essa emissão, pois surgiram diversas variedades na sobrestampa. Os catálogos de selos postais - tanto brasileiros quanto internacionais - registram essas variedades.



Figura 2 – Selo postal brasileiro imperial tipo jornal sobrestampado (200 réis sobre 100 réis)

Memória

Um dos fenômenos mais surpreendentes do final do século XX e início do século XXI é o crescimento progressivo das questões sobre a memória como uma das preocupações culturais e políticas das sociedades ocidentais. De fato, parece que se está tentando de forma inconsciente, no âmbito coletivo, construir uma estrutura mnemônica inserida numa

temporalidade atual. De certo modo, uma mesma estrutura que não foi experimentada em tempos passados. A questão da memória tem sido a grande obsessão político-cultural do século vigente.

Por outro lado, deve-se reconhecer que ao mesmo tempo em que os discursos sobre a memória possam parecer um fenômeno “mundializado” (MATTELART, 2005) , de certo modo, permanecem conectados ao núcleo da memória individual de pessoas e regiões geográficas politicamente divididas. Esse processo encontra reforço quando Gagnebin (2003, p. 35) afirma que:

Existe, hoje, uma grande preocupação com a questão da memória: assistimos a um boom de estudos sobre memória, desmemória, resgate, tradições [...]. Na história, educação, filosofia, psicologia, o cuidado com a memória fez dela não só um objeto de estudo, mas também uma tarefa ética: nosso dever consistiria, assim, em preservá-la, em salvar o desaparecido, o passado, em resgatar, como se diz, tradições, vida, falas e imagens.

Inúmeros são os estudos sobre a memória, no sentido que interessa ao trabalho em andamento. Não serão levados em conta, a *priori*, os trabalhos sobre a memória do ponto de vista das ciências cognitivas, da Computação, Psicologia ou Arquitetura. Embora relevantes, ocupam no momento um segundo plano nas leituras realizadas até então. O foco está na adoção do conceito de memória relacionado aos estudos que têm como centralidade a elaboração de uma história do jornalismo brasileiro, especificamente, a partir de sua representação por meio de selos postais emitidos desde os tempos imperiais.

A partir desse ponto de vista vamos direcionar este estudo não entre as questões teóricas que associam os estudos mnemônicos aos aparatos midiáticos, mas àqueles que põem em relevo a História do Jornalismo, ou a construção de sua arqueologia (FOUCAULT, 2000) enquanto um sistema de comunicação social. Isso pode ser justificado a partir da afirmação de Barbosa (2005, p. 111):

Gostaria de chamar a atenção para a importância de se debruçar sobre o passado, para reconstruir a história dos meios impressos. Certamente, como disse Robert Darnton (1990), os impressos têm uma história, ainda que não haja muitos historiadores dispostos a estudá-la. Passados mais de dez anos dessa assertiva, ela permanece atual.

Salcedo (2008) coloca que um passado que possui estreita relação com o presente e participa da construção do futuro é uma ideia constante e ativa. Este mesmo passado que clama por esforços em vista de ser desvendado, revelado e disseminado, reserva intrigantes e instigantes surpresas. Segundo essa asserção, é imperativo e relevante que toda e

qualquer ferramenta disponível seja utilizada para contribuir, cada qual à sua forma, no desenvolvimento de modelos de divulgação histórica.

Dentre as diversas tipologias documentais pode-se encontrar a documentação filatélica, especificamente, o selo postal. O que afirmar de tão lúdica e rica fonte de informação? Este pequeno pedaço de papel, indiferente às diversas formas como se apresenta, e aos suportes aos quais é agregado, elimina distâncias, preserva na forma de texto e imagem, com criatividade, uma possível história da humanidade. Conforme atesta Eco (2004) sobre a filatelia, em obra ficcional que tem a memória como fio condutor:

Viajava pelo vasto mundo – naqueles anos em que estávamos como que contidos por barreiras intransponíveis, espremidos entre dois exércitos em luta [confrontos travados na Segunda Guerra Mundial, no *front* italiano] – só através de selos. Até mesmo os contatos ferroviários estavam interrompidos, talvez só se pudesse ir de Solara à cidade de bicicleta, e eu transvoava do Vaticano a Porto Rico, da China a Andorra (ECO, 2004, p. 256).

Resgata, pois, na forma de documento, as pessoas conforme as bibliografias filatélicas, fatos, eventos, processos e o tempo, de forma geral, corroborando com um elo entre o humano, sua história e o conhecimento político, econômico, social e cultural. Para muitos, os “embaixadores de papel” são vistos como um pequeno pedaço de papel gomado, ilustrado, todavia, insignificante. Depois de alguma vivência se percebe como o cotidiano pode causar uma “cegueira parcial” nas pessoas.

É como tratar com cédulas² ou dinheiro corrente e não parar para tentar ler os símbolos ali registrados, mesmo quando se espera por mais de quinze minutos na fila de um banco. Ler o mundo no sentido de emancipar o intelecto é, com certeza, uma das maiores dificuldades do indivíduo neste século. O selo postal não faz parte, unicamente, do acervo de filatelistas, colecionadores e comerciantes. Faz parte também, e é peça fundamental, do processo de discernimento sobre a cultura material humana. O seu conteúdo simbólico representa informação de potencial relevância ao desenvolvimento de narrativas históricas.

Esse pequeno documento pode ajudar a propagar ideologias dominadoras, discursos nacionalistas, imperialistas e características de um patriarcado. Sendo assim, cabe a possibilidade de propor uma relevância quando da utilização da documentação filatélica como fonte de informação documental. Apontam-se alguns caminhos possíveis com relação à representação imagética contida nesse tipo de documento, o qual serve como espelho para a construção de identidades, discursos e

narrativas. A imagem do selo postal, ora um artefato individual, ora parte integrante de um acervo filatélico, expressa diversidade social.

De fato, exhibe uma pluralidade multifacetada humana, capaz de alcançar qualquer camada social. A análise crítica desse artefato tanto serve para estabelecer um contraponto em relação ao processo histórico exclusivo de um único sujeito, como para abrir as portas a um processo de produção de sentido dinâmico e de múltiplas dimensões. A memória social pode ser elaborada, utilizando-se o selo postal como ferramenta imagético-simbólica. Gomes (1982, *apud* SALCEDO, 2006, p. 110) lembra que:

Entende-se, ainda, que o Arquivo [estrutura física] é uma instituição, elemento de uma estrutura social que reflete a cultura que a gerou e, que por outro lado, atua em retorno veiculando seus valores, crenças e padrões, contribuindo para preservação e disseminação da própria cultura.

Dessa assertiva é possível explorar o fato de no Brasil serem produzidos anualmente (desde 1843) documentos filatélicos dos mais diversos. A representação cultural brasileira através das emissões filatélicas, tanto no cenário nacional como internacional, confere a estes documentos um valor econômico, publicitário e social.

Jornalismo nos selos

De modo a observar de que maneira a atividade jornalística tem sido representada nos selos postais emitidos pelo Governo Brasileiro, este trabalho fez o levantamento de imagens estampadas em selos, no Brasil, ao longo do século XX. O critério de escolha do *corpus* foi o de identificar as estampas que fizessem menção ao jornalismo, à profissão, aos profissionais da imprensa e aos veículos de comunicação.

As imagens também serão analisadas à luz das representações sociais, partindo do pressuposto de que a representação, e a própria ideia de senso comum, configuram-se como teorias internalizadas que têm como propósito organizar a realidade (LEME, 1993).

Assim, trataremos essas representações do jornalismo no selo postal como parte constituinte dessa forma de organização que - a exemplo de todas as tentativas de definições e nomeações - tem por finalidade “tornar familiar algo não-familiar, ou a própria não-familiaridade” (MOSCOVICI, 2003, p. 54). Entendemos que é através desse ato de nomear e classificar algo, por conseguinte, que são reveladas as teorias “da sociedade e da natureza humana” (*ibid*, p. 62).

No processo de construção do *corpus*, optou-se pelo recorte aos selos do tipo comemorativo emitidos no século XX, no Brasil. Com a

utilização do *Catálogo Brasileiro de Selos Postais* foram identificados 23 selos que se encaixavam nessas características. A partir daí, chegamos ao levantamento de três tipologias recorrentes nos selos sob a temática do jornalismo, conforme descrição a seguir:

Tabela 1 - Categorias dos selos emitidos no Brasil sobre jornalismo

Jornalistas	Empresas de Comunicação	Encontro Nacional
18 selos	4 selos	1 selo

Os selos pertencentes ao *corpus* da análise se distribuem, assim, em três categorias distintas - Jornalistas, Empresas de Comunicação e Encontro Nacional -, sendo a primeira a mais representativa do ponto de vista quantitativo (18 selos ou 78% do total), seguida de Empresas de Comunicação, com 4 selos (17%), e da terceira, com um selo (5%).

As imagens relacionadas a veículos de imprensa remetem ao *Diário de Porto Alegre* (1977), ao *Diário de Pernambuco* (1985), ao *Jornal do Brasil* (1991) e aos 170 anos do *Diário de Pernambuco* (1995). O único selo que não traz a figura de um jornalista ou referência a veículos foi emitido em 1953, quando da realização do V Congresso Nacional de Jornalistas.

Os 18 selos que remetem a jornalistas foram emitidos entre os anos de 1948 e 1999. Entre os homenageados estão expoentes da atividade jornalística no País, que figuram nas imagens, em sua maioria, em comemoração ao centenário de seu nascimento, conforme descrito no quadro abaixo:

Quadro 2 - Jornalistas brasileiros rememorados em selos postais comemorativos emitidos no século XX

Ano de Emissão	Nome do Jornalista	Motivo de Emissão
1949	Ruy Barbosa de Oliveira	Centenário de nascimento
1951	Sívio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero	Centenário de nascimento
1953	José Carlos do Patrocínio	Centenário de nascimento
1958	Júlio Bueno Brandão	Centenário de nascimento
1962	Júlio César Ferreira de Mesquita	Centenário de nascimento
1962	Quintino Antônio Ferreira de Sousa Bocaiúva	Aniversário de falecimento
1968	Francisco Vieira Caldas Júnior	Centenário de nascimento
1974	Hipólito da Costa	Centenário de nascimento
1974	Raul Paranhos Pederneiras	Centenário de nascimento
1981	Afonso Henriques de Lima Barreto	Centenário de nascimento
1982	Manuel Bastos Tigre	Centenário de nascimento
1986	Ernesto Simões Filho	Centenário de nascimento
1990	Lindolfo Leopoldo Boekel Collor	Centenário de nascimento
1992	Otto de Oliveira Lara Resende	Centenário de nascimento

1994	Carlos Castello Branco	Centenário de nascimento
1998	Rodrigo de Melo Franco	Centenário de nascimento
1999	Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo	150 anos de nascimento
1999	Ruy Barbosa de Oliveira	150 anos de nascimento

O primeiro selo catalogado data de 1949 (Figura 3) e traz a efígie do jornalista e jurista Rui Barbosa, quando da ocasião do seu centenário de nascimento. Levando-se em conta que as representações, enquanto formas comuns de percepção e imaginação, formam a base das reações humanas aos acontecimentos e a estímulos (MOSCOVICI, 2003), pode-se associar a imagem de Rui Barbosa a um dos tantos estereótipos que povoam a figura dos jornalistas: paladino da justiça, que tem a busca da “verdade” dos fatos como seu preceito ético.



Figura 3 - Centenário de Rui Barbosa

Os ramos de louro que envolvem o busto do homenageado parecem remeter à dimensão da importância que Rui Barbosa, como jornalista, teve na defesa ferrenha da abolição, da República e, em seguida, da liberdade de atuação diante do governo de Floriano Peixoto. Sobre os demais elementos visuais de constituição dessa imagem, deve-se destacar o valor-facial (cifra), Cr\$ 1,20, o nome do país emissor (Brasil) e as legendas (1849 – 1949, Rui Barbosa).

Uma vez abolida a escravatura, contra a qual centrou fogo através do seu *Diário da Bahia*, Rui Barbosa, ao lado de tantos outros expoentes do jornalismo brasileiro, funda o *A Imprensa*, em 1889, e assume a direção do *Jornal do Brasil* em 1893, advogando um “jornalismo livre, independente e “dentro da lei” (BAHIA, 1990, p. 118).

Barbosa também aparece em selo emitido em 1999 (Figura 5).

No mesmo ano, é emitido selo postal – com as mesmas características do que retrata Rui Barbosa – em homenagem a Joaquim Nabuco (Figura 4).

O político, jornalista e abolicionista pernambucano abre “caminho para jornais dedicados à causa dos escravos” (BAHIA, 1990, p. 113), liderando a Sociedade Brasileira Contra a Escravidão, criadora do jornal *O Abolicionista*, em 1880, que não dura pouco mais de um ano. Numa das cartas endereçadas à British and Foreign Anti-Slavery Society (Sociedade Britânica e Estrangeira Anti-Escravidão), anuncia que irá apresentar projeto de lei estabelecendo uma data limite para a abolição da escravatura:

Sei que tão largo prazo é uma exigência, mas é necessária. É o único meio de superar as dificuldades que ainda são muito grandes... Um prazo pré-fixado, como esse de 1º de janeiro de 1890, deixa tempo aos fazendeiros para preparar a grande evolução, e ao mesmo tempo desperta nos corações dos escravos uma esperança inestimável, de um preço infinito, que lhes tornará a vida cada vez menos árdua, a cada passo de tempo que os aproxima da sua liberdade (NABUCO, 1880, p. 14, informação eletrônica).

O Jornal do Brasil, do qual é um dos fundadores, porta-voz de severas críticas à República recém-instaurada, é alvo, em 1891, de ataque a bala, com os invasores gritando pela morte do jornalista (BAHIA, 1990, p. 117).

Os selos comemorativos a Rui Barbosa e Joaquim Nabuco se assemelham no formato retangular, nas cores, tipografias e disposição de elementos. Ambos trazem como imagem de fundo referências a escritos dos intelectuais. Os dois jornalistas, que foram contemporâneos e amigos, e que fisicamente eram bastante diferentes, acabaram se assemelhando nas imagens dos selos por conta, principalmente, do bigode e trajas:



Figura 4 - Selo em homenagem a Joaquim Nabuco



Figura 5 - Selo em homenagem a Rui Barbosa

O centenário de nascimento do jurista, filósofo, poeta, político e crítico literário Sílvio Romero (Figura 6) é rememorado com um selo em 1951. Contemporâneo de Rui Barbosa, foi colaborador do *Diário de Notícias*, periódico dirigido pelo colega e editado em Salvador de 1885 a 1895, com linha editorial que abraçava o abolicionismo e, posteriormente, a República (BAHIA, 1990). É sob o pseudônimo de Feuerbach que escreverá textos, na imprensa, posicionando-se contrariamente ao Império (RODRIGUEZ, 2010, informação eletrônica).



Figura 6 - Centenário de nascimento de Sílvio Romero

Sílvio Romero publica, ao final do século XIX, a obra que pode ser considerada como “um dos maiores equívocos da crítica literária brasileira” (SCHNEIDER, 2005, p. 40), através da qual critica duramente a linguagem de Machado de Assis, reconhecendo nele apenas méritos de estilo.

Assim como Rui Barbosa, a imagem de Romero remete à representação e, conseqüente, estereótipo, do jornalista como ator social que se insurge diante das mazelas e injustiças sociais. Em reforço a essa construção, figura a frase-motivo impressa no canto superior esquerdo: “Entusiasmo, Trabalho e Fervor pela Humanidade”.

Imagem que envolve boa parte dos vultos jornalísticos do período retratado, já que a partir da segunda metade do século XIX, com exceção de alguns veículos partidários à escravatura, “toda a imprensa [brasileira] tem atuação decisiva nos movimentos abolicionista e republicano” (BAHIA, 1990, p. 113).

Essa visão, por vezes romantizada, do jornalista que é libelo da liberdade, também é retratada na imagem estampada no selo comemorativo aos 100 anos de José do Patrocínio, emitido em 1953 (Figura 7). Considerado um dos maiores abolicionistas brasileiros – sendo filho de um vigário com uma escrava –, militou intensamente na

imprensa em campanha ferrenha contra a escravatura (na *Gazeta de Notícias*, em 1878; na *Gazeta da Tarde*, em 1881, e na *Cidade do Rio*, em 1887, da qual se tornou proprietário), com textos que reverberavam, em sua maioria, a favor da abolição da escravidão e da não existência de indenizações a senhores de escravos.



Figura 7 - Selo comemorativo aos 100 anos de José do Patrocínio

A imagem de Patrocínio é retratada, na tonalidade azul, com um jornal em punho, amparada pela figura etérea de um anjo. Com asas abertas, parece apoiar e inspirar o intelectual em sua trajetória abolicionista. Construção que não se aproxima, contudo, de alguns aspectos retratados em relatos biográficos - que o descrevem também como homem de temperamento explosivo (COELHO, 2010, informação eletrônica) -, mas que, numa leitura menos apressada, pode levar à inferência de que se trata - o anjo e suas asas - de menção à última grande e infrutífera paixão de Patrocínio: a de construir um avião. Conforme descreveu o amigo Olavo Bilac, em crônica de 1903:

[...] Patrocínio, naquele recanto apertado do Méier, dentro daquele barracão em que vive o seu sonho, enterrou a sua saúde, a sua mocidade, a sua vida - e o seu jornal! o seu jornal que era toda a sua glória, todo o seu passado, toda a sua alma! Para pôr em movimento aquele mundo, o criador aniquila-se e mata-se (BILAC, *apud* DIMAS, 1996, p. 91)

Patrocínio rompeu com Sílvio Romero, após este escrever um artigo ofensivo aos abolicionistas e de teor racista, a quem revidou, classificando-o como “teuto-maniaco de Sergipe”³. Também ficou célebre a contenda que travou com Quintino Bocaiúva, outro homenageado pelos Correios com um selo datado de 1962.

Em texto de 29 de outubro de 1888 (cinco meses após a publicação da Lei Áurea), destila sua fúria contra Bocaiúva, que o havia acusado de traição à República⁴:

O sr. Quintino Bocaiúva fez mal em editar as torpezas d'A Província de S. Paulo. Veio dar-me ensejo de justificar-me plenamente aos olhos dos meus concidadãos e de demonstrar que o vendilhão, useiro e vezeiro, é ele que se estreou na imprensa a defender uma companhia de seguros de vida de escravos, da qual recebia salário, e que não passava de uma vergonhosa armadilha à ingenuidade dos senhores (PATROCÍNIO, 1996, p. 255).

Quintino Bocaiúva, que à época dirigia o *A Província*, tem selo emitido em memória aos cinquenta anos de sua morte:



Figura 8 - Cinquentenário da morte de Quintino Bocaiúva

Os elementos verbais escolhidos para ilustrar a peça e descrever o jornalista o classificam como “Patriarca da República” e “Príncipe do Jornalismo”. Retratado em estilo bico de pena, Bocaiúva aparece em primeiro plano, com perfil destacado em desenho vertical – o que contribui para o destaque do seu perfil esguio e longilíneo. As designações das frases-motivo (SALCEDO, 2010) ou legendas são as únicas “pistas” para identificar o nome do homenageado e a sua profissão.

Apesar de forte atuação política, tendo sido Presidente de Estado (Rio de Janeiro) e ministro da República, é como jornalista defensor da causa republicana que Bocaiúva salta à história. Como ressalta Silva (1992, p. 102), e reforçando a imagem do jornalista que luta em prol de uma causa (que marcou o estereótipo jornalístico do final do século XIX e aparece nos selos presentes nesta análise), o “príncipe e patriarca” teve “uma vida dedicada exclusivamente ao serviço da Pátria e ao regime”. Assim, perpassou uma velhice “desprovida de recursos materiais”.

Uma das imagens que se destacam pela peculiaridade, entre as identificadas no *corpus*, é a do selo em comemoração ao centenário do jornalista Lindolfo Leopoldo Boekel Collor. O destaque não se dá necessariamente pelos elementos verbo-visuais contidos na peça, ou

na imagem dos jornais em que atuou ou fundou, mas especialmente na dimensão simbólica e contextual deste selo. Isso porque foi emitido em 1990, justamente durante o primeiro ano do governo do presidente Fernando Collor, de quem era avô.



Figura 9 - Centenário de nascimento de Lindolfo Collor

A seguir, incluímos os selos postais comemorativos que homenageiam quatro empresas de comunicação, a nossa segunda categoria. E mais abaixo, o único selo que rememora um encontro de profissionais brasileiros de jornalismo, emitido em 1953, por ocasião da realização do 5º Congresso Nacional de Jornalistas, a nossa terceira categoria.



Figura 10 - Diário de Porto Alegre (1977)



Figura 11 - Jornal do Brasil (1991)



Figura 12 - Diário de Pernambuco (1985)



Figura 13 - Diário de Pernambuco (1995)



Figura 14 - 5º Congresso Nacional de Jornalistas

Este selo não apenas materializa um discurso verbo-visual sobre um encontro profissional, mas, também tem estreita relação com os embates políticos no que concerne à representação do profissional de jornalismo no Brasil da década de 50. Assim, sugere Gomes (informação eletrônica, grifos nossos):

O Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de Pernambuco tem como data de fundação o dia 27 de novembro de 1947, ou pelo menos essa é a data que registra a sua Carta Sindical. No entanto, a história da organização sindical dos jornalistas pernambucanos começa um pouco antes, em 1941, segundo registro feito pelo jornalista Luiz Veloso, na abertura do primeiro livro de atas do Sindicato dos Jornalistas do Estado de Pernambuco [...].

Os esforços de um grupo de associados, tendo à frente o próprio Luiz Veloso, Lúcio Coura Góes e Aristóphanes de Andrade conseguiu que o Ministério do Trabalho reconhecesse a transformação da Associação em sindicato. Porém, a Carta de Reconhecimento – novamente não há alusão à data - deu o título de Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Recife. Segundo Veloso, “mais uma vez a falta de apoio da categoria fez com que o Sindicato deixasse praticamente de existir” (não cita data) [...].

A ausência do sindicato no dia-a-dia da categoria acentuava as dificuldades de organização refletindo na falta de reajustes de salários. Naquele tempo os reajustes eram concedidos em nível nacional. Em 1953, o Congresso Nacional, por decisão do Senado, arquivou o projeto de lei que tratava do aumento salarial dos jornalistas, que já havia sido aprovado pela Câmara Federal após dois anos de tramitação. Naquele mesmo ano, o V Congresso Nacional de Jornalistas, realizado em Curitiba, aprovou como resolução a necessidade de organizar a categoria nos estados em que não havia Sindicato. Os jornalistas pernambucanos, Luiz Veloso e Leocádio Morais, presentes ao Congresso, foram escolhidos para integrarem a Comissão de Organização sindical e receberam a incumbência de reorganizar o Sindicato de Pernambuco.

Considerações finais

Classificar um grupo de pessoas ou uma atividade profissional, mais do que encontrar uma maneira de condensar numa breve descrição todo o arsenal de representações acerca desses objetos, configura-se na escolha de “um dos paradigmas estocados em nossa memória”

(MOSCOVICI, 2003, p. 63) com o objetivo de “estabelecer uma relação positiva ou negativa com ele”.

Observamos, neste estudo, que uma das representações do Estado acerca do jornalismo, através da emissão de selos postais alusivos à temática, concentra a construção de sentidos por intermédio da figura do jornalista – mais do que a própria imprensa (por intermédio dos veículos de comunicação) ou eventos de vulto.

Caso se leve em consideração que a ideia da classificação, da descrição de uma classe (como a jornalística), acaba proporcionando “um modelo ou protótipo apropriado para representar a classe e uma espécie de foto de todas as pessoas que supostamente pertençam a ela”, pode-se propor que esse modelo ou estereótipo do jornalista retratado nos selos postais brasileiros condensa algumas características recorrentes e que podem ser avaliadas como “positivas”.

Os 18 selos analisados prestam homenagem a jornalistas que são: homens; que atuaram em veículos de destaque; militaram na imprensa em prol de grandes causas; dirigiram ou fundaram jornais de grande representatividade no Brasil; e que, ainda, estão fortemente associados a um histórico de erudição, intelectualidade, alta cultura e, em casos como o de Rui Barbosa, mesmo à genialidade.

A ideia de um jornalismo combativo e defensor de causas, uma leitura que pode advir do breve resgate biográfico dos jornalistas que tiveram suas histórias eternizadas em selos, apresenta uma dissociação com as preconizadas imparcialidade e objetividade da práxis jornalística.

Contudo, parece também se aproximar do senso comum, do “universo consensual” (MOSCOVICI, 2003) em torno da identidade profissional e pessoal do jornalista. Apesar de sempre “contraditória” (RIBEIRO, 1994, p. 165) e historicamente ocupando espaços pouco privilegiados na esfera das profissões (TRAQUINA, 2004), esta identidade ainda conserva alguma associação com o imaginário “romântico” que envolve a atividade: a do estereótipo do repórter infatigável, 24 horas em alerta, que não se furta a sacrificar a vida pessoal em nome de uma grande e nobre causa social.

| NOTAS

- 1 Trabalho apresentado no GT1 - Jornalismo. INTERCOM/NE - jun. 2010.
- 2 O estudo de cédulas e moedas se denomina Numismática.

- 3 Sívio Romero foi taxado de ser portador de uma teutomania por sua predileção ao idioma e filosofia germânicos, bem como pela admiração que nutria por Tobias Barreto – entusiasta da língua e tradições filosóficas alemãs.
- 4 Por conta de sua postura contrária à aliança de alguns republicanos com ex-senhores escravos, que exigiam indenizações (COELHO, 2010, informação eletrônica).

| BIBLIOGRAFIA

- BAHIA, Juarez. **Jornal**: história e técnica. São Paulo: Ática, 1990.
- BARBOSA, Marialva. Jornalismo e a construção de uma memória para a sua história. In: BRAGANÇA, Aníbal; MOREIRA, Sônia Virgínia (Orgs). **Comunicação, acontecimento e memória**. São Paulo: INTERCOM, 2005. p. 102-111.
- BILAC, Olavo. José do Patrocínio. In: DIMAS, Antônio (Org.). **Vossa Insolência**: crônicas. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.
- COELHO, L.F.S. **A Campanha Abolicionista**: José do Patrocínio. Disponível em <http://omnis.if.ufrj.br/~coelho/campanha_abolicionista.html>. Acessado em 28 abr. 2010.
- FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense, 2000.
- GAGNEBIN, J.-M. O que significa elaborar o passado? In: PUCCI, B. et al. (Org.). **Tecnologia, cultura e formação, ainda Auschwitz**. São Paulo: Cortez, 2003.
- GOMES, Fábila. **Sindicato**: histórico. Disponível em: <http://www.jornalistas-pe.com.br/sindicato_historico.asp>. Acessado em 20 set. 2010.
- ECO, Umberto. **A Misteriosa Chama da Rainha Loana**. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- LEME, Maria Alice Vanzolini da Silva. O impacto da teoria das representações sociais. In: SPINK, Mary Jane (Org.). **O conhecimento no cotidiano**: as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- MACHADO, Paulo Sá; QUEIROZ, Raymundo Galvão de. **Dicionário de Filatelia**. Lisboa: ASA, 1994.
- MEYER, Peter. **Catálogo de selos do Brasil 2008**. 56. ed. São Paulo: RHM, 2008.
- _____. **Os selos jornais sobre-estampados**. 2009. Disponível em: <www.oselo.com.br>. Acessado em 18 set. 2010.
- MATTELART, Armand. **Diversidade cultural e mundialização**. São

Paulo: Parábola, 2005

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais**: investigação em psicologia social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

NABUCO, Joaquim. **Carta aos abolicionistas ingleses**. Acervo Digital Fundaj. Disponível em <<http://books.google.com.br>>. Acessado em 05 maio 2010.

PATROCÍNIO, José do. **A Campanha Abolicionista**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1996.

RIBEIRO, Jorge Cláudio. **Sempre alerta**: condições e contradições do trabalho jornalístico. São Paulo: Olho D'Água, 1994.

RODRIGUÉZ, Ricardo Velez. **Sílvio Romero**: o homem e a sua obra. Disponível em < <http://www.ensayistas.org/filosofos/brasil/romero/introd.htm>>. Acessado em 19 abr. 2010.

SALCEDO, D. A. Lacunas na Arquivologia contemporânea: uma perspectiva da Filatelia. **Arquivistica.net**, Rio de Janeiro. v. 2, n. 1, p. 104-113, 2006. Disponível em: <<http://www.arquivistica.net>>. Acessado em 17 ago. 2010.

_____. Filatelia e memória: pequenos embaixadores de papel. In: VERRI, Gilda Maria Whitaker (Org.). **Registros do passado no presente**. Recife: Bagaço, 2008. p. 155-195.

_____. **A ciência nos selos postais comemorativos brasileiros: 1900-2000**. 2010. 164 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

SCHNEIDER, Alberto Luiz. **Sílvio Romero**: Hermeneuta do Brasil. São Paulo: Annablume, 2005.

SILVA, Ciro. **Quintino Bocaiúva, o patriarca da República**. Brasília: Ed. da UnB, 1992.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2004.

Diego Andres Salcedo é professor do Departamento de Ciência da Informação da UFPE. Integra os Grupos de Pesquisa “Mídia e Divulgação da Ciência e Tecnologia” e “Informação Científica e Tecnológica”.

Autor de três livros: “Construção, práticas e identidade da Ciência da Informação”, “A ciência nos selos postais comemorativos brasileiros: 1900-2000” e “Pernambuco nos selos postais: fragmentos verbo-visuais de pernambucanidade”. E-mail: w159444x@gmail.com

Adriana Maria Andrade de Santana é bacharel em Comunicação Social (Jornalismo) e Mestre em Comunicação pela UFPE. Doutoranda CAPES no PPGCOM/UFPE. Integra o Grupo de Pesquisa Jornalismo e Contemporaneidade e o Projeto de Extensão Jornalismo: Cidadão-Repórter-Cidadania, da UFPE e Diário de Pernambuco. E-mail: adriana.andrade.santana@gmail.com